

## CATULO, 2, 3, 5, 34<sup>1</sup>

2

Passarinho – deleite do meu bem,  
que ela pega no colo e com quem brinca  
dando a ponta do dedo e provocando  
as duras bicadinhas que lhe aplicas,  
quando, bem no esplendor do meu desejo,  
a ela apraz, não sei, esse brinquedo  
(ligeiro alívio para a sua dor),  
querendo, creio, o intenso ardor conter –,  
quisera eu, brincando assim contigo,  
deixar de lado as tristes aflições...

3

Ó Vênus e Cupidos, oh, chorai!  
– e todos que à beleza são sensíveis:  
morreu o passarinho do meu bem!  
Passarinho, deleite do meu bem,  
que ela adorava mais que os próprios olhos;  
pois ele era mansinho e a conhecia  
tão bem quanto uma filha à própria mãe,  
e não deixava nunca o colo dela;  
saltitando ora aqui ora acolá,  
sem parar só pra ela pipiava.  
Agora, pelas trevas, lá vai ele  
ao lugar de onde, dizem, ninguém volta.  
Maldição, maldição! Malditas trevas  
do Orco, que devorais as coisas belas!  
Que belo passarinho me levastes!  
Oh, que desgraça, pobre passarinho!

---

<sup>1</sup> Tradução do texto latino: CATULLE. *Poésies*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1974.

Por tua culpa, o meu benzinho agora,  
olhinhos tão vermelhos, chora e chora.

5

Vivamos, minha Lésbia, para amar,  
que a zanga desses velhos rabugentos  
não vale mais do que um tostão furado!  
Os sóis podem-se pôr e renascer;  
mas nós, ao pôr de nossa breve luz,  
a noite eterna temos que dormir.  
Dá-me agora mil beijos, depois cem;  
depois dá-me outros mil, depois mais cem;  
depois, sempre mil outros, depois cem...  
Milhares e milhares já somados,  
nós vamos baralhá-los, não sabê-los  
– que assim ninguém nos ponha um mau-olhado  
ao saber quantos foram nossos beijos!

34

Moças e rapazes puros,  
*em Diana confiamos;*  
*rapazes e moças puras,*  
*Diana aqui celebramos.*

*Ó Latônia, grande filha*  
*de Júpiter poderoso,*  
*concebida pela mãe*  
*ao pé da oliveira, em Delos,*

*para seres a senhora*  
*dos montes, dos verdes bosques,*  
*das recônditas veredas,*  
*das nascentes ressoantes,*

*és tu a Juno Lucina*  
*que as parturientes chamam,*

*és tu a soberba Trívia  
e a Lua de luz espúria.*

*Com o ciclo mensal, ó deusa,  
medindo a marcha dos anos,  
tu enches de frutos bons  
as casas simples do campo.*

*Sejas sempre veneranda,  
sob o nome que te agrada,  
e ajuda o povo de Rômulo  
com teu poder, como dantes.*

Tradução de  
MÁRCIO THAMOS  
Faculdade de Ciências e Letras  
Universidade Estadual Paulista (Araraquara)